



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**POSSIBILIDADES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DA COMUNICAÇÃO  
E DA IMPRENSA: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA CULTURAL E A  
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

Cláudio de Sá Machado Júnior\*

*Mas, no plano da documentação não-oficial, se situam outras fontes, como as crônicas de **jornal**, os **almanaques e revistas**, os livros didáticos [...], todos os materiais relativos às sociabilidades dos diferentes grupos, em clubes, em associações, organizações científicas e culturais. [...] Os exemplos são muitos, pois fontes são marcas do que foi, são traços, cacos, fragmentos, registros, vestígios do passado que chegam até nós, revelados como documento pelas indagações trazidas pela História.*

(PESAVENTO, 2008, p. 97-98) [Grifo nosso]

Uma das constatações a respeito de uma crescente apropriação dos estudos oriundos da História Cultural pela História da Educação pode ser encontrada em artigo publicado por Denice Barbaran Catani e Luciano Mendes de Faria Filho (2002), publicado originalmente na *Revista Brasileira de Educação*. No cenário de trabalhos apresentados no GT História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Roger Chartier figurou, nos anos de 1985 a 2000, entre os autores mais citados, superado apenas por Pierre Bourdieu. Na ocasião, o livro mais citado de

\* Doutor em História - Professor Adjunto. Universidade Federal do Paraná. [claudiojunior@ufpr.br](mailto:claudiojunior@ufpr.br)

Chartier, segundo Catani e Faria Filho (2002, p. 127) foi *A História Cultural: entre práticas e representações*. Uma constatação similar foi feita por Thais Nivia de Lima e Fonseca (2008, p. 59-60), mencionando no texto *História da Educação e História Cultural* que “os últimos balanços realizados sobre a produção em história da educação indicam uma forte e já reconhecida tendência das pesquisas na direção da nova história, especialmente da história cultural”.

No estudo de Catani e Faria Filho (2002, p. 125) há também indicação sobre a natureza das fontes utilizadas em cada pesquisa, estando a categoria “revistas” (15,3%) entre as mais recorrentes, com menção também a “jornais” (8,9%). Juntas, as categorias que se referem à utilização de revistas e jornais como fontes históricas nos estudos de história da educação somaram  $\frac{1}{4}$  da tipologia de acervos. A partir desta constatação, pode-se afirmar que, se por um lado o referencial da História Cultural está entre os mais utilizados para o desenvolvimento teórico e metodológico da História da Educação, por outro as fontes oriundas da imprensa, em suas múltiplas naturezas, ocupam um lugar de destaque no que diz respeito ao campo história da educação. A questão que se coloca, e que não aparece claramente nas estatísticas, é sobre qual seria o índice de trabalhos que possuem, de forma concomitante, a imprensa como fonte e a História Cultural como recurso teórico-metodológico.

No primeiro semestre de 2014, tive a oportunidade de ministrar a disciplina *História da Educação e Imprensa: teoria e metodologia*, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. A necessidade da oferta partiu da constatação de que muitos projetos submetidos ao processo seletivo de mestrado e doutorado careciam de um embasamento teórico-metodológico mais consistente para trabalhar com fontes oriundas da imprensa, seja da grande ou da especializada. O programa da disciplina construiu-se em três momentos de leituras e debates: o panorama da história das mídias e das ciências da comunicação; algumas possibilidades de abordagem teórica e metodológica; e estudos de caso sobre a produção feita no campo da História da Educação que se utilizou da imprensa como fonte de estudos.

De acordo com Daniel Bounoux (1999, p.19), “a comunicação é como uma grande nuvem que os ventos impelem e rasgam, e que plana acima de quase todos os saberes”. Neste sentido, a produção social do discurso, que possui valor significativo para a História Cultural, caracteriza-se também como um dos fundamentos primordiais da pesquisa em comunicação. Peter Burke (2008, p. 75), valorizando a tendência, corrobora

sobre a importância do referencial *foucaultiano* para a História Cultural, especialmente no que toca as questões relacionadas à *Ordem do discurso*. Caracterizam-se em preocupações que concernem ao “controle do pensamento, incluindo os modos como certas ideias ou temas são excluídos de um sistema intelectual”, trabalhando não somente com a ideia do que foi dito, mas também com o não dito. Proposta que conduz o historiador à aproximação do método *ginzburguiano*, que, segundo Sandra Pesavento (2008, p. 63), empenha-se em uma atitude dedutiva e é movido pela suspeita: “presta atenção nas evidências, por certo, mas não entende o real como transparente”.

As próprias teorias da comunicação, amplas, dispersas e não consensuais, tal qual os fundamentos da História Cultural, possui sua própria historicidade e foi regida, em diferentes momentos, por paradigmas especialmente difundidos nos meios acadêmicos. No caso específico da comunicação, por estabelecer uma relação direta com as relações de mercado e de poder, equiparou-se a um embate entre o público e o privado, no momento em que a aproximação dos meios aos respectivos avanços tecnológicos foram se tornando cada vez mais indissociáveis, desde uma perspectiva de um amplo alcance. Nas palavras de Melvin DeFleur e Sandra Ball-Rokeach (1993, p. 141), o domínio do discurso, “em grau limitado, são também parte de nossa instituição *educacional*”, enfatizando que os veículos de mídias funcionam como sistemas sociais.

Retomando o tema da proposição feita pela disciplina *História da Educação e Imprensa: teoria e metodologia*, gostaria destacar nesta comunicação, em meio a um leque amplo de possibilidades teóricas, ao menos duas propostas para o estudo da comunicação e da imprensa, mantendo o foco de preocupações no que diz respeito às fontes da História da Educação e os horizontes de abordagens provenientes da História Cultural. Neste caso, História e Educação propiciariam um diálogo produtivo com a Sociologia e com a Linguística, com vistas, sempre, a uma compreensão melhor sobre as práticas e performances sociais. Neste caso, a proposta aplica-se a dois esquemas teóricos que caracterizam os conceitos de *formas de investigação hermenêutica*, de Paul Thompson, e os *modos discursivos do acontecimento midiático*, de Patrick Charaudeau, contribuições pouco exploradas tanto pela História Cultural quanto pela História da Educação.

Paul Thompson, em *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*, desenvolve a ideia de *formas de investigação hermenêutica* tendo como ponto de inspiração o conceito filosófico desenvolvido por

Paul Ricoeur a respeito da *hermenêutica da profundidade*. Para Thompson (2011, p. 362), “ao lidarmos com um campo que é constituído tanto pela força como pelo significado”, ou quando “analisamos um artefato que apresenta um padrão distintivo, através do qual algo é dito, é tanto possível como desejável mediar o processo de interpretação pelo emprego de técnicas explanatórias e objetivantes”. A contribuição de Thompson para o conceito de Ricoeur consiste em valorizar as condições sócio-históricas que condicionam a produção de determinado texto, não atribuindo por completo uma autonomia semântica do discurso.

No entanto, antes de compreender a produção dos discursos, cabe buscar uma compreensão sobre as maneiras como as formas simbólicas podem ser interpretadas pelos sujeitos. Daí decorre a necessidade de entendimento da hermenêutica da *Vida Quotidiana*, e a interpretação da *Doxa*, que envolve opiniões, crenças e compreensões partilhadas socialmente. A proposta de Thompson dialoga indiretamente com o que Roger Chartier (2010, p. 47) denominou como um dos principais desafios que se apresenta à história cultural: “pensar a articulação entre os discursos e as práticas”. A partir deste entendimento, com o que Thompson denominou como *referencial metodológico da hermenêutica da profundidade*, decorre três tipos de análise: a *análise sócio-histórica*, a *análise formal ou discursiva* e o processo de *interpretação/re-interpretação* do objeto.

#### Formas de Investigação Hermenêutica

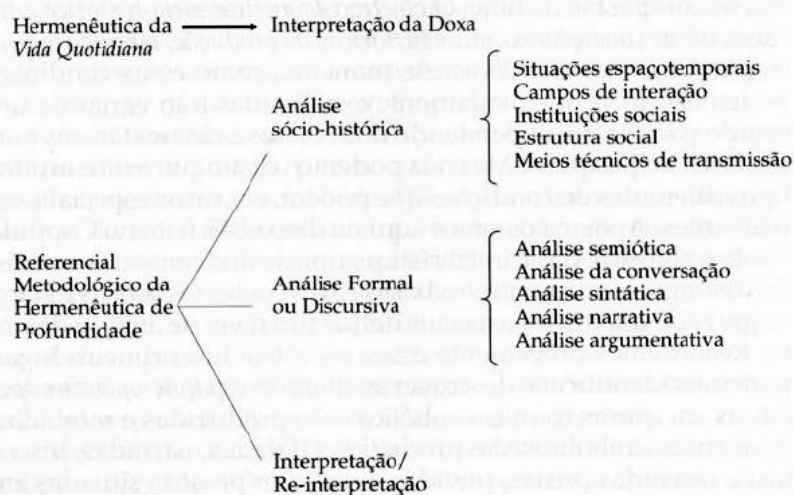


Figura 1 – Formas de investigação hermenêutica proposta por Paul Thompson

Fonte: THOMPSON, 2011, p. 365.

A análise sócio-histórica proposta por Thompson considera *situações espaçotemporais, campos de interação, instituições sociais, estrutura social e meios técnicos de transmissão*. Caminhos estes mais frequentados pelos historiadores. Já a análise formal ou discursiva abarca perspectivas *semióticas, de conversação, sintáticas, narrativas e argumentativas*, com amplo instrumental interpretativo fundamentado em um extenso rol de pensadores e estudiosos que embasam o campo das Ciências da Comunicação e da Linguística. Por fim, o processo de *interpretação/re-interpretação* confunde-se com a hermenêutica da *Vida Quotidiana* e a interpretação da *Doxa*, concluindo-se em movimento de circularidade e historicidade atribuída ao próprio processo interpretativo. Não cabe a esta comunicação especificar item por item, senão recomendar a própria leitura do livro de Paul Thompson.

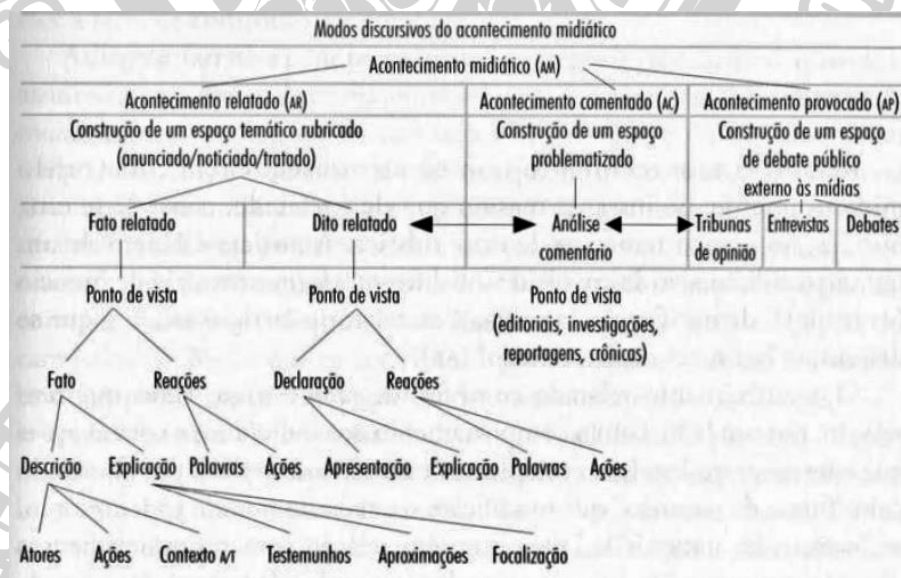


Figura 2 – Modos discursivos do acontecimento midiático propostos por Patrick Charaudeau

Fonte: CHARAUDEAU, 2013, p. 151.

Por sua vez, Patrick Charaudeau, em *Discurso das mídias*, sugere ao pesquisador da imprensa e da cultura uma proposta teórica que denomina como *modos de organização do discurso de informação*, definindo a construção do acontecimento midiático a partir dos critérios de *atualidade* (temporalidade), *expectativa* (interesse) e *sociabilidade* (compartilhamento/visibilidade). Charaudeau preocupa-se com a formulação dos propósitos do discurso, que incidiria nas formas de como ele poderia ser descrito, narrado e argumentado (explicar/persuadir). A ideia de construção do acontecimento midiático e dos propósitos do discurso gerariam três categorias possíveis que, segundo o autor,

caracterizariam os modos discursivos relacionados: ao *acontecimento midiático*, ao *acontecimento comentado* e ao *acontecimento provocado*. Nestes termos, Charaudeau pode estabelecer uma aproximação com a proposta *foucaultiana* a respeito dos não ditos, assim como fomentar a dedução indiciária *ginzburguiana*.

O esquema didático para o entendimento das etapas dos *modos discursivos do acontecimento midiático* proposto por Charaudeau (2013, p. 151) bifurca-se na relação entre a construção de um espaço temático rubricado, que teria sido ou anunciado ou noticiado ou tratado, a construção de um espaço problematizado e a construção de um espaço de debate público, neste último caso externo às mídias. Nas palavras do autor, “o universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção”. Nas páginas que seguem ao seu esquema, Charaudeau define e amplia determinados conceitos, que despertam a atenção do pesquisador para possibilidades de categorizações e entendimentos sobre múltiplos discursos, de acordo com as características particulares de cada fonte, não se despendendo também da importância da sua contextualização histórica, ou de suas características pragmáticas. Assim, como no caso de Thompson, não caberia aqui mencionar em pormenores as definições apresentadas pelo autor, mas sim recomendar a leitura de seu livro.

Concluindo, para um pouco mais além do que foi proposto no artigo *Por uma história cultural da educação: possibilidades e abordagens*, de Maurício Estevam Cardoso (2011), a relação entre a História da Educação e a História Cultural não pode se restringir apenas à questão relacionada ao uso de “novas” fontes. Ao que parece, este tem se tornado o lugar-comum de dissertações e teses que buscam uma aproximação intencional entre as duas propostas. A constatação feita por Denice Barbaran Catani e Luciano Mendes de Faria Filho (2002), e a afirmativa de Thais Nivia de Lima e Fonseca (2008) poderia ser refinada a partir dos resultados de uma possível pesquisa que apontasse não somente para o *que se declara*, mas também para o *como se faz*. O que foi possível perceber na realização da terceira etapa da disciplina de *História da Educação e Imprensa* foi a falta de fundamentos teóricos e metodológicos para se trabalhar com fontes da imprensa para além do patamar empírico. Talvez a mesma constatação fosse feita se a busca fosse por fundamentos da História Cultural, ao invés de meros objetos da cultura.

As possibilidades que apresentei nesta comunicação fundamentaram-se em parte dos livros de Thompson e Charaudeau, e que podem ser aprofundados se estes fragmentos

forem somados à reflexão de uma obra completa, ou a um conjunto de publicações que dão sequência a uma proposta teórica. No entanto, a fonte histórica, calcada no estudo de caso, muitas vezes poderá não confirmar a teoria. Nestes momentos, pedimos licença, com humildade, e contestamos, profissionalmente e sadiamente, a proposição realizada. Mas para isso precisamos ampliar nosso rol de possibilidades, nosso empenho enquanto leitores e pesquisadores, respeitando os autores já consagrados e pouco contestáveis, como Chartier e Bourdieu, mas também não deixando de dialogar com outros, tanto entre aqueles que os antecederam quanto os que sucederam. No entanto, como lembra Francisco Calazans Falcon (2006, p. 333) em publicação na *Revista Brasileira de Educação*, longe de encerrar a discussão sobre a formação dos campos e sua interdisciplinaridade, alguns cuidados ainda se fazem mais que necessários.

[...] Uma reflexão mais sistemática sobre os argumentos que tentam sustentar uma propalada autonomia da história da educação como um campo historiográfico particular, ao lado da história política, ou, como querem outros, da história cultural. Na verdade, porém, a educação é um tema/objeto de investigação necessário à compreensão da formação cultural de uma sociedade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CARDOSO, Maurício Estevam. Por uma história cultural da educação: possibilidades e abordagens. **Cadernos de História da Educação**, v. 10, n. 2, p. 287-302, 2011.
- CATANI, Denice Barbaran. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgados no GT História da Educação da ANPED (1985-2000). **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 113-128, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DEFLEUR, Melvin; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Trad. da 5.<sup>a</sup> ed. norte-americana Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FALCON, Francisco José Calazans. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 328-375, 2006.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In: FONSECA, Thais Nivia de Lima e; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 49-75.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

THOMPSON, Paul B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

